

POESIA INFANTIL E ILUSTRAÇÃO: ESTUDO SOBRE OU ISTO OU AQUILO DE CECÍLIA MEIRELES¹

Luís CAMARGO

RESUMO *Este artigo propõe categorias para a análise da ilustração e sua relação com o texto, exemplificando-as através do estudo do poema “O Mosquito Escreve”, de Cecília Meireles, e três ilustrações para o poema.*

ABSTRACT *This article suggests interpreting categories for the analysis of illustration and the relationship between text and illustration, exemplifying them through the study of the poem “O Mosquito Escreve”, by Cecília Meireles, and three illustrations of the poem.*

A ilustração é um traço característico dos livros para crianças, no entanto, nos estudos brasileiros sobre a ilustração do livro infantil, há poucos que focalizam obras específicas. Mais raros ainda são aqueles que discutem categorias para a análise da ilustração (CAMARGO, 1995, p.119-134).

Assim, o objetivo deste artigo é propor categorias para a análise da ilustração e sua relação com o texto, exemplificando-as através do estudo do poema “O Mosquito Escreve”, de Cecília Meireles, e suas ilustrações em três edições do livro *Ou isto ou aquilo*.

Na dissertação homônima, da qual o presente artigo é um trecho resumido, o livro *Ou isto ou aquilo* é situado no contexto da poesia para crianças no Brasil, discutem-se as idéias sobre o papel da ilustração no livro infantil a partir de textos em circulação no Brasil desde o final do século XIX (1886), além de serem também analisados os poemas “Colar de Carolina” e “Ou Isto Ou Aquilo” e suas respectivas ilustrações em cinco diferentes edições.

FUNÇÕES DA IMAGEM

Atribuem-se usualmente à ilustração as funções de ornar ou elucidar o texto junto ao qual ela aparece. No entanto, a ilustração pode ter várias outras funções:

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado com o mesmo título, apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, em 13 de agosto de 1998, sob orientação da Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo.

representativa, descritiva, narrativa, simbólica, expressiva, estética, lúdica, conativa, metalingüística, fática e pontuação.

A imagem tem função representativa quando imita a aparência do ser ao qual se refere; função descritiva, quando detalha a aparência do ser representado; função narrativa, quando situa o ser representado em devir, através de transformações (no estado do ser representado) ou ações (por ele realizadas); função simbólica, quando sugere significados sobrepostos ao seu referente, mesmo que arbitrariamente, como é o caso das bandeiras nacionais; função expressiva, quando revela sentimentos e valores do produtor da imagem, bem como quando ressalta as emoções e sentimentos do ser representado; função estética, quando orientada para a forma da mensagem visual, ou seja, quando enfatiza elementos como linha, forma, cor, luz, espaço etc.; função lúdica, quando orientada para o jogo (incluindo-se o humor como modalidade de jogo), seja em relação ao emissor, ao referente, à forma da mensagem visual ou mesmo em relação ao destinatário; função conativa, quando orientada para o destinatário, visando influenciar seu comportamento, através de procedimentos persuasivos ou normativos; função metalingüística, quando o referente da imagem é a linguagem visual ou a ela diretamente relacionado, como situações de produção e recepção de mensagens visuais, citação de imagens etc.; função fática, quando orientada para o suporte da imagem, enfatizando seu papel no discurso visual; função de pontuação, quando orientada para o texto junto ao qual está inserida, sinalizando seu início, seu fim ou suas partes, nele criando pausas ou destacando elementos.

Parece, assim, que muito mais do que apenas ornar ou elucidar o texto, a ilustração pode representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar, além de enfatizar sua própria configuração, chamar atenção para o seu suporte ou para a linguagem visual. É importante ressaltar que raramente a imagem desempenha uma única função, mas, da mesma forma como ocorre com a linguagem verbal, as funções organizam-se hierarquicamente em relação a uma função dominante.

DENOTAÇÃO/CONOTAÇÃO

A significação global de uma imagem abrange significados denotativos e conotativos: os primeiros referem-se ao ser que a imagem representa, enquanto os significados conotativos referem-se a associações que a imagem sugere. Os significados denotativos decorrem principalmente da função representativa, enquanto os significados conotativos resultam principalmente do como a imagem representa, ou seja, da função estética. Por isso, a análise da ilustração precisa focalizar os pólos denotativo e conotativo, ou seja, os significados que decorrem não só de o que a imagem representa mas também de como ela o faz.

FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são procedimentos que alteram ou enfatizam o sentido das palavras. Algumas dessas figuras parecem possuir correspondentes bastante

similares na linguagem visual, como a hipérbole, a metáfora, a metonímia e a personificação.

Na linguagem visual, a hipérbole abrange os procedimentos de exageração, como ocorre, por exemplo, na caricatura; a metáfora corresponde a transformações da imagem através de relações de similaridade, como ocorre, por exemplo, na imagem de um pimentão na praia, em anúncio de protetor solar, para sugerir a idéia de “ficar vermelho como um pimentão”; a metonímia corresponde aos casos em que um ser é representado por uma imagem que tem com ele uma relação de contigüidade, ou seja, em que existe “uma relação objetiva entre a significação própria e a figurada” (CAMARA JR., 1992, p.167), como ocorre, por exemplo, na representação de parte de um determinado ser para referir-se ao ser inteiro, como as fotografias para documentos, que são interpretadas como referindo-se a pessoas inteiras e não a cabeças decapitadas; a personificação é a atribuição de características humanas a seres de outros reinos, bem como a idéias abstratas, função freqüente em figuras alegóricas, como representações da justiça, liberdade, Independência etc.

RELAÇÃO ILUSTRAÇÃO/TEXTO: A COERÊNCIA INTERSEMIÓTICA

A ilustração não tem função isoladamente, mas só em conjunto com o texto, estabelecendo-se uma relação entre as duas linguagens, a visual e a verbal. Essa relação pode ser denominada como coerência intersemiótica, denominação essa que toma de empréstimo e amplia o conceito de coerência textual.

A coerência intersemiótica pode ser entendida como a relação de coerência (convergência ou não-contradição) entre os significados (denotativos e conotativos) da ilustração e do texto, podendo apresentar as modalidades de convergência, desvio e contradição, ou seja, coerência propriamente dita, incoerência localizada e incoerência, respectivamente. Assim, avaliar a coerência entre uma determinada ilustração e um determinado texto significa avaliar em que medida a ilustração converge para os significados do texto, deles se desvia ou os contradiz.

“O MOSQUITO ESCREVE”: O POEMA E SUAS ILUSTRAÇÕES

O Mosquito Escreve

O mosquito pernilongo
trança as pernas, faz um M,
depois, treme, treme, treme,
faz um O bastante oblongo,
faz um S.

O mosquito sobe e desce.
Com artes que ninguém vê,
faz um Q,
faz um U e faz um I.

Esse mosquito
esquisito
cruza as patas, faz um T.
E aí,
se arredonda e faz outro O,
mais bonito.

Oh!
Já não é analfabeto,
esse inseto,
pois sabe escrever seu nome.

Mas depois vai procurar
alguém que possa picar,
pois escrever cansa,
não é, criança?

E ele está com muita fome.

O poema “O Mosquito Escreve” integra o livro *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, publicado em 1964. O poema narra uma cena explicitada já no título: um pernilongo escreve seu nome, a palavra MOSQUITO. A narração tem a agilidade de um desenho animado, pela ênfase na ação, que se traduz gramaticalmente pela quantidade de formas verbais. Além dessa reiteração, destaca-se a dos fonemas /s/ e /z/, que transpõe para o poema uma característica do pernilongo, o seu zumbido.

Há uma discreta alusão à caligrafia: o pernilongo faz um O bastante oblongo, isto é, alongado e, em seguida, outro O./mais bonito, podendo entender-se este mais bonito como mais redondo, pois o pernilongo se arredonda para fazer o segundo O. Aliás, o primeiro O não é apenas oblongo, mas bastante oblongo, o que enfatiza o contraste com o capricho na caligrafia do segundo O.

O pernilongo recebe características humanas (personificação), já que ele escreve seu nome, o que o conota positivamente. Outras conotações positivas são espalhadas ao longo do poema: aluno aplicado, ao fazer um O bastante oblongo e, em seguida, outro O./mais bonito. Ele faz as letras Q, U e I Com artes que ninguém vê. Artes conota cuidado estético (escrever bonito) e brincadeira infantil, o que sugere o pernilongo como mímico e a cena como uma pantomima.

Dirigido à criança, o que é explicitado pelo vocativo na penúltima estrofe - “não é, criança?” -, o poema procura despertar sua simpatia pelo pernilongo, agenciando atenuantes para o comportamento de picar: o cansaço e a fome, sensações que a criança pode compartilhar. Além disso, o comportamento narrado no poema - escrever o nome - pode ser associado a uma atividade infantil, a alfabetização, o que mostra como o texto investe na adesão do leitor infantil, estimulada sobretudo pela pergunta “pois escrever cansa,/não é, criança?”.

A conotação positiva do pernilongo não visa, obviamente, a destruir noções de higiene e saúde (o pernilongo como transmissor de doenças), mas a acentuar, pelo

imprevisto - o esquisito da terceira estrofe - a ludicidade da escrita, para onde convergem, afinal, os significados arrolados anteriormente.

A estrutura rítmica configura uma inusual e lúdica combinação de versos regulares e versos livres. Assim, se a escrita do pernيلongo é conotada como jogo, a escritura do poema concretiza esse jogo através do jogo sonoro (aliteração e rima) e rítmico.

A valorização da natureza (o pernيلongo) e da cultura (a escrita) configurada pelo poema é mediada pelo jogo, o que reveste de valor positivo o comportamento lúdico. Tendo em vista que o destinatário explícito do poema é a criança, o texto a valoriza, compartilhando com ela a valorização da ludicidade, ao inverter as conotações socialmente aceitas sobre o pernيلongo e ao brincar com as palavras na escritura mesma do poema.

ILUSTRAÇÃO DE MARIA BONOMI

A ilustração de Maria Bonomi para o poema “O Mosquito Escreve” (MEIRELES, 1964), uma xilogravura em amarelo sobre preto, ocupa uma página inteira. A ilustração representa oito pernيلongos, distribuídos em duplas, em quatro linhas, formando com seus corpos e patas as letras MO, SQ, UI e TO, ou seja, MOSQUITO.

Os pernيلongos são representados com economia e dinamismo. As patas foram reduzidas a duas, o que, com a postura vertical, conota as duas patas como pernas e os traços nas extremidades como pés, personificando os pernيلongos.

A maior parte dos pernيلongos está de frente: os que formam as letras S e T estão de perfil. Dois deles estão de cabeça para baixo: os que formam as letras U e I. A distribuição dos pernيلongos pela página, a variação de posições e a sua estilização criam uma atmosfera lúdica. Além disso, a distribuição das letras quebra a leitura horizontal, transformando a leitura em jogo, o que é mais um elemento de ludicidade.

A ilustração também narra uma cena, a pantomima de um pernيلongo que escreve com o corpo a palavra MOSQUITO, o que parece diverti-lo, sugerindo que escrever pode ser uma divertida brincadeira.

ILUSTRAÇÃO DE ELEONORA AFFONSO

A ilustração de Eleonora Affonso e o poema “O Mosquito Escreve” dividem uma página (MEIRELES, 1977, p.35): na metade direita, o poema; na metade esquerda, a ilustração, que representa um pernيلongo em sentido diagonal na página, apresentando duas licenças poéticas, ou melhor, estéticas: o pernيلongo é azul e tem apenas um par de asas e não dois, como seria entomologicamente correto. Ao contrário do que ocorre com a redução do número de patas na ilustração de Maria Bonomi, esta redução não parece ter função semântica.

A estilização cromática, ou seja, o uso de uma cor não-referencial, se prolonga na estilização das formas: há uma certa geometrização que, entretanto, não elimina a gestualidade do traço, ou seja, certa irregularidade própria do desenho à mão livre. A função estética se prolonga na ênfase no ritmo visual: linear, formal e cromático.

Linear, nas linhas que divergem do corpo para as extremidades das asas. Formal, na simetria das manchas semicirculares nas asas e dos pontinhos distribuídos à esquerda e à direita ao longo da parte superior do corpo. Cromático, na alternância de tons de azul no corpo (faixas alternativamente claras e escuras) e simetria de tons nas asas, ou seja, azul claro junto ao corpo e quase transparente nas extremidades.

As patas anteriores (superiores em relação às margens do papel) parecem formar um O, não totalmente fechado e uma das patas posteriores (a inferior direita, ainda em relação às margens do papel) forma uma espécie de Z, o que sugere um pernيلongo dançarino. O pernيلongo está mais próximo da margem superior do que da inferior, assim, a inclinação e a altura sugerem vôo e, por isso, um pernيلongo que voa dançando. Na ilustração de Maria Bonomi, a verticalidade do pernيلongo sugeria o apoio sobre uma linha de terra (implícita) e, dessa forma, pantomima, e não vôo.

O azul, cor fria, do ponto de vista da percepção, sugere profundidade (ao contrário das cores quentes, que parecem saltar da página). Do ponto de vista afetivo, o azul sugere introversão (o que é homólogo à sensação de profundidade), calma, imaginação etc. Assim, o azul conota o pernيلongo como inseto imaginário.

ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BERMAN

A ilustração de Beatriz Berman (MEIRELES, 1990, p.21) é uma vinheta no canto superior direito, representando um pernيلongo paralelo à margem lateral, pousado sobre - e picando - uma letra Q. O pernيلongo é representado em um estilo que enfatiza a função descritiva. O descritivismo, entretanto, é mal-sucedido, não se percebendo, por exemplo, se o pernيلongo tem seis ou cinco patas.

A ilustração apresenta um leve traço narrativo: as ações de pousar e picar que, no entanto, ficam muito aquém da narratividade do poema. Observe-se, ainda, que pousar (e, portanto, parar) contradiz a atividade (narrada) e a agilidade (enfatizada) no poema e que, nele, picar é uma ação secundária. Dessa forma, além de valorizar o secundário, a ilustração também contradiz denotações e conotações do poema.

RELAÇÕES ENTRE O POEMA “O MOSQUITO ESCREVE” E SUAS ILUSTRAÇÕES

A ilustração de Maria Bonomi é a que apresenta maior convergência com o poema: a seqüência narrativa, a agilidade, a personificação do pernيلongo, o jogo com a escrita e enfim, a reiteração de linhas, formas e cores, que cumpre função homóloga à reiteração fônica, lexical e sintática no poema. Das três ilustrações é a única que enfatiza a ludicidade, convergindo, portanto, para a função dominante no poema.

A ilustração de Eleonora Affonso sugere um pernيلongo dançarino, o que converge para a conotação de pernيلongo-mímico no poema. A movimentação das patas sugere a formação de letras, evitando explicitar a narração do poema, o que pode instigar a imaginação do leitor. A função estética na representação do pernيلongo converge para a função poética no poema. No entanto, o azul - que se destaca na ilustração - conota

calma e devaneio, em contradição com a agilidade e a ludicidade extrovertida do poema. A ilustração, portanto, converge para os significados do poema mas, a partir de certo ponto, se desvia deles.

A ilustração de Beatriz Berman, com seu descritivismo, tem uma conotação entomológica, na contramão do poema pois, como se viu, o poema inverte as conotações socialmente aceitas sobre pernilongo.

Resumindo, entre o poema “O Mosquito Escreve” e a ilustração de Maria Bonomi há uma relação de convergência; entre a ilustração de Eleonora Affonso e o poema ocorre um desvio; a ilustração de Beatriz Berman está em contradição com o poema.

CONCLUSÃO

A ilustração estabelece com o texto uma relação semântica. Nos casos ideais, uma relação de coerência, aqui denominada coerência intersemiótica pelo fato de ocorrer entre duas linguagens, a visual e a verbal. Entre a contradição e o desvio não há diferença de natureza, mas variação de intensidade, cujo limite é difícil de estabelecer com precisão. Já a convergência, tendo em vista as diferenças entre as linguagens verbal e visual, nunca é uma equivalência absoluta. Por isso, não se pedirá que a ilustração represente tudo o que é denotado no texto, pois ela pode estabelecer uma relação metonímica com o texto que pode, inclusive, ser mais instigante do que a minúcia referencial. Nem se pedirá que a ilustração traduza todas as conotações do texto, já que isso é inviável, devido às características diferentes das duas linguagens, o que ocorre mesmo na tradução de um texto de uma língua para outra.

Se entendemos que a ilustração é uma imagem que acompanha um texto e não seu substituto; e se entendemos que a relação entre ilustração e texto não é de paráfrase, glosa ou tradução, mas de coerência, então, abre-se para o ilustrador um amplo leque de possibilidades de convergência com o texto, convergência essa que não limita a exploração da linguagem visual, mas, ao contrário, pode estimulá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMARA JR., J. Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Lê, 1995. (Apoio).
- MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Il. Maria Bonomi. São Paulo: Giroflé, 1964.
- _____. Il. Eleonora Affonso. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- _____. Org. Walmir Ayala. Il. Beatriz Berman. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.